



## **A improvável poesia concreto-visual acontece: relato afetivo e reflexões desautorizadas**

### ***The Unlikely Concrete-Visual Poetry Happens: Affective Account and Unauthorized Reflections***

Antônio Simplício de Almeida Neto

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, São Paulo / Brasil  
asaneto@unifesp.br

**Resumo:** Esse artigo apresenta um relato autobiográfico no qual o autor procura recuperar seus primeiros contatos com a poesia visual-concreta-experimental ao longo dos anos 1980 em função de deslocamentos provocados por diferentes sujeitos presentes nas relações estabelecidas no meio universitário do curso de graduação em História. Escapando de uma perspectiva histórica teleológica e de supostos encadeamentos lógicos e objetivos de causa e efeito, entende sua trajetória lítero-poética como decorrente de improváveis intercorrências no campo social em que se inseria. Ressalta, por isso mesmo, a importância dos processos educativos básicos e acadêmicos na promoção dos deslocamentos criativos e *poiéticos*. Traz, finalmente, um poema-visual de sua autoria em que relaciona história, memória e o fazer poético.

**Palavras-chave:** poesia visual; poesia experimental; concretismo; autobiografia; memória.

**Abstract:** This article presents an autobiographical account in which the author seeks to recover his first contacts with visual-concrete-experimental poetry throughout the 1980s due to displacements caused by different subjects present in the relationships established in the undergraduate course in History. Avoiding a teleological historical perspective and supposed logical links and objectives of cause and effect, he understands his literary-poetic trajectory as a result of unlikely complications in the social field to which he belonged. It therefore emphasizes the importance of basic and academic educational processes in the promotion of creative and poetic dislocations. Finally, he brings a visual poem of his own in which he relates history, memory and poetic making.

**Keywords:** visual poetry; experimental poetry; concretism; autobiography; memory.

Instado a apresentar um “relato afetivo” acerca da poesia concreto-visual no evento *Pensar a Palavra-Experiência*, em homenagem ao poeta E. M. de Melo e Castro, organizado pela Unifesp e UFMG (23/outubro/2019), entendi por adequado nominar minha comunicação por *A improvável poesia concreto-visual acontece: relato afetivo e reflexões desautorizadas*.

Provavelmente o convite para participar desse evento deveu-se a minha episódica presença numa conferência proferida por Melo e Castro na Unifesp-EFLCH, em meados de 2017. Vendo os cartazes de divulgação pelos corredores do *campus*, juntei-me ao pequeno grupo de interessados, o que não me surpreendeu, dado que a modalidade de poesia visual/experimental não é muito popular, o que nos torna um diminuto e seletivo grupo de leitores. “Pérolas aos poucos!”, diria o compositor/músico e professor José Miguel Wisnik.<sup>1</sup> O fato é que entre as poucas pessoas presentes, quem arrisca uma pergunta sobre o lugar das vanguardas no mundo contemporâneo acaba por ser imediatamente identificado como sendo alguém minimamente familiarizado com o tema.

Não sendo especialista nesse tipo de poesia, mas apenas um modesto leitor contumaz e praticante bissexto, aceitei, não sem relutância, o convite para a apresentação de um relato que fosse estritamente afetivo. Acresça-se a isso o fato de que minhas reflexões não têm autoridade literária acadêmica, dado que não sou pesquisador desse campo. Por isso o subtítulo “relato afetivo e reflexões desautorizadas”. Contudo, não posso me furtar a mencionar que falo de outro lugar que ocupo, também acadêmico, de historiador, pesquisador e formador de professores, junto ao Departamento de História dessa Universidade.

Ainda sobre o título atribuído, essa modalidade de poesia concreto-visual chegou até mim de maneira absolutamente improvável, sobre o que procurarei discorrer. Não foi através das relações familiares ou pela educação escolar, ao menos não diretamente. Foi, pelo contrário, obra do acaso, por assim dizer, e contra todas as evidências.

Dando tento ao tema, ocorre que nós, historiadores, somos ensinados nos cursos de Graduação e Pós-Graduação, a identificar e explicar possíveis causas que levam a determinados eventos. Contudo, nem sempre identificamos com objetividade esse caminho e nem sempre (ou quase nunca) há nobreza de intenções e oferta possibilidades nos

---

<sup>1</sup> Refiro-me à música Pérolas aos Poucos do CD homônimo. Maianga Discos. 2003.

caminhos percorridos rumo à arte e, mais precisamente, como é o caso dessa explanação que percorre um caminho rumo à poesia. O sociólogo Pierre Bourdieu já nos alertou para a ilusão (auto)biográfica, com sua “preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito e à causa eficiente ou final entre os estados sucessivos” (2000, p. 184). Uma trajetória de vida, qualquer que seja ela, está submetida às intercorrências do campo social na qual se insere e aos diferentes agentes sociais, de modo que as ações e relações estabelecidas, tidas como objetivas, frequentemente não o são.

Como não ceder à tentação das explicações teleológicas que pinçam e concatenam episódios de uma trajetória já percorrida simulando certa linearidade narrativa em direção ao fim almejado? Quais eventos selecionar? Quais sujeitos elencar? Quais relações estabelecer? A questão se assemelha à indigesta e irônica pergunta sobre como são feitas as salsichas. No caso em tela, o contato com certa poesia, não foi pela família ou meio social, dado a insuficiente proximidade com a poesia literária/letrada/culta/acadêmica, embora houvesse outras poéticas populares, por certo: da folia de reis que percorria as ruas da vila onde morava na periferia de São Paulo, dos versos decassílabos do pai retirante, do tio nordestino repentista, do trio de forró que animava as festas de um vizinho, da batucada de uma escola de samba, dos pontos de umbanda que ouvia à noite pela janela do quarto, da brincadeira das crianças nas ruas. Tampouco foi pela escola básica, que se esmerava no trato displicente com a literatura e a poesia, tão característica da precarização da educação escolar pública durante a ditadura cívico-militar brasileira. Atribuo, assim, ao acaso, que nunca é abolido, mesmo quando lançamos os dados, como sabemos via Mallarmé (1974).

O contato mais consistente com a poesia chegou através do cursinho pré-vestibular que, contudo, por se caracterizar como treinamento para uma finalidade específica, não abordava a literatura de vanguarda e experimental. De qualquer modo, foi possível pela primeira vez ter uma percepção das escolas literárias e da poesia em perspectiva temporal, observando mudanças, permanências e rupturas, o que possivelmente tenha tido alguma influência na alteração de rumos que me levou à graduação em História. Interessante notar que a *poiesis* – ato criativo e ação criadora – do conhecimento historiográfico reside a meu ver, justamente, na observação da temporalidade histórica com seus ritmos e durações. Mas isso é outra história.

Já os deslocamentos efetivos e afetivos no sentido da poesia concreto-visual deram-se somente no período em que cursava Graduação em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por vias indiretas e absolutamente improváveis, através de um estudante de arquitetura que cruzou meu caminho em meados dos anos 1980, por intermédio de sua namorada, também estudante de História.

Observando as camadas arqueológicas desse passado recente, parece-me que o primeiro deslocamento afetivo tenha sido o próprio encontro com esse estudante de arquitetura que admirava artes plásticas e produzia gravuras, pinturas e maquetes numa espécie de ateliê que era seu quarto de dormir. Esse deslocamento inicial deu-se pela simples possibilidade que a universidade abre, ou deveria abrir, aos estudantes de encontrar outras referências, outros grupos, sair de seu lugar, ser mobilizado, mirar o outro e desejar, perceber que “então ser era possível” (FELINTO, 2019, p. 66), descobrir que é possível ser outras coisas, que é possível deixar a destinação e seguir o próprio destino (PIGNATARI, 1992, p. 145).

O segundo deslocamento afetivo deu-se quando, após um evento lítero-etílico-musical, apresentei alguns primários e precários poemas ao referido aprendiz de arquiteto que me sugeriu que procurasse pensar em dispor o poema, as palavras e as letras pelo branco do papel, rompendo com a linearidade do texto convencional. Aquilo foi absolutamente perturbador!... Eu que mal sabia (na verdade, não sabia) a métrica, deveria usurpar a forma e o ritmo convencionais? Como fazê-lo com os poucos recursos literários aprendidos no cursinho pré-vestibular? Com quais referências literárias? Eu que mal descobrira Drummond e Bandeira, fui lançado num abismo poético cognitivo.

Aturdido, deambulando em busca de uma solução, lembrei-me vagamente de algum texto perdido em minha memória, possivelmente daquela seção final dos livros escolares de Língua Portuguesa nunca trabalhada pelos professores, em que a forma fazia alusão ao conteúdo, figurativismo, como descobri mais tarde. Assim, intuitivamente, ocorreu-me que poderia fazer o mesmo. Pensei numa forma básica, uma montanha (vulcão), sobre a qual faria um texto com palavras e letras dispostas nesse formato. Parecia simples...

Fiz, assim, um primeiro poema visual denominado *Montanha*, nome precário para um texto figurativista igualmente precário, que dizia:

A MONTANHA QUEDA SOBRE O VALE E LÁ DO ALTO  
COSPE FOGO E LAVA COM LAVA O VALE VELHO E  
INSOLENTE QUE JAZ QUENTE, QUENTE, QUENTE,  
QUENTE, QUENTE...

Dispus a letra “A” centralizada na primeira linha, as letras “MON” centralizadas na 2ª linha, “TANHA” na 3ª e assim por diante até as letras da palavra “QUENTE” que se repetiam ao final em duas ou três linhas simulando a lava do vulcão que escorria ao sopé da montanha. Tudo foi feito em máquina de escrever, já que ainda não havia computadores pessoais nos anos 1980 e eu ainda não conhecia outros recursos gráficos.

O terceiro e definitivo deslocamento afetivo ocorreu num derradeiro encontro com o amigo-quase-arquiteto, em que lhe apresentei, tal qual o aluno orgulhoso da tarefa bem feita, meu poema visual “Montanha”. Como bom provocador, ele elogiou minha iniciativa, mas não se fez de rogado: sugeriu que eu usasse cores, indo além da letra preta no papel branco, que eu usasse letras/tipos diferentes (falou-me da existência da *Letraset*, lâminas de fontes e imagens decalcáveis), que eu saísse do papel, que eu pensasse texto/palavras/letras no espaço fora do papel, que experimentasse escrever em transparências, por exemplo, em acetato, lâminas de vidro, lâminas móveis, etc. Deslocamentos de alta densidade!

Os passos seguintes foram comprar um sarrafo de madeira com ranhuras onde pudesse dispor lâminas de vidro, adquirir *Letraset* e passar a fazer projetos, projetar poesia. Mas antes fui procurar livros com outro tipo de poesia, para além do Drummond e Bandeira (que são maravilhosos). O primeiro livro adquirido, ainda ao sabor do acaso, sem referências objetivas, foi a tradução de Maiakóvski da editora Perspectiva, guiado certamente pelos nomes dos tradutores concretistas (até então nomes vagos para mim) e pela organização espacial dos poemas, que embora não fossem visuais, diferiam da forma convencional. O fato é que precisava me apropriar dessa “coisa” com a qual estava me metendo e que me encantava à medida que comecei a entender, pensar e escrever dessa forma. Foram livros teóricos, poemas-pôsteres, poemas serigrafados, poemas móveis, poemas-objeto, caixa em 3D, prosa-visual, traduções e toda sorte de publicações. Também buscava exposições, eventos e palestras de poesia concreto-visual. E, como se não bastasse, ainda organizei alguns saraus domésticos de poesia. E foi nesse caminho que cheguei ao poeta Ernesto de Melo e Castro, com os livros *Enquanto Jactos e Hiatos*, *Algoritmos: Infopoemas*, *Neo-Poemas-Pagãos* e *Quatro Cantos do Caos*.

Percebe-se que o percurso rumo à poesia concreto-visual-experimental aqui relatado de maneira linear, foi, sob muitos aspectos, improvável, devendo-se muito mais ao acaso dos deslocamentos afetivos que a qualquer lógica coerente e consequente de ações deliberadas.

Finalmente, cedendo à tentação de controlar o acaso, pois, como na anedota do escorpião e do sapo, não posso negar minha natureza de historiador, professor e formador de professores, e, por outro lado, refutando a pretensão personalista contida nesse tipo relato que nada tem de extraordinário, chamo a atenção para dois aspectos à guisa de propor alguma conclusão decorrente dessa breve exposição:

Primeiro, destaco a importância da Universidade, principalmente a pública, no caso brasileiro, como sendo esse local privilegiado de encontros, deslocamentos e possibilidades. A ampliação do acesso às universidades ocorrido na última década e meia, notadamente as federais, que permitiu que diferentes grupos sociais antes alijados desse campo pudessem experimentar e desejar outras possibilidades tem demonstrado que é possível projetar e ir além do desígnio dito e decidido por outrem, que é possível desejar. Curiosamente, essas políticas têm sido fortemente combatidas para que retornemos ao reino da exceção e mediocridade do qual vínhamos ensaiando sair.

Um segundo aspecto que me chama a atenção é o fato de que na educação básica pública e privada, com algumas exceções, nem sempre se promovem os deslocamentos criativos, *poiéticos*, nos alunos. Não só na Literatura e na poesia, mas também nas diferentes disciplinas escolares, inclusive História. Em parte, podemos atribuir esse fato às permanências e tradições da cultura escolar (VIÑAO-FRAGO, 2007) e da forma escolar (VINCENT *et al.*, 2001), mas isso demandaria outras incursões teóricas que fogem ao escopo desse texto. Entendo que se a educação escolar tem uma *poiesis*, para os professores e para os alunos, certamente não está em decorar conteúdos inúteis e sem significado, mas em provocar deslocamentos que levem ao desejo de buscar e de criar. Infelizmente, os descaminhos curriculares do Brasil, cujo anseio prescritor não disfarça os interesses econômicos que movem os reformadores empresariais da educação, apontam em direção oposta ao ato criativo.

Enfim, trago essa narrativa memorialística e fragmentária em modo mais ou menos arbitrário com algumas breves ponderações, apenas pensamentos, ciente de que “todo o pensamento emite um lance de dados” (MALLARMÉ, 1974, p. 173), sobre cujos desdobramentos e repercussões não temos qualquer controle.

Findo com um poema de minha autoria, *Mnemo 32*, trabalho de maior maturidade no qual faço algumas referências ao ofício do historiador no trato com a memória e suas similaridades com atividade do artesão/tecelão e do trabalho de escritura do poeta, ao mesmo tempo em que deixo entrever na tessitura tipográfica os puídos e cerzidos da memória e do fazer poético.

no tecido esgarçado o artesão  
faz seu cerzido de pequenos fios  
de pequenos gestos  
economicamente pensados  
sem desperdício nem cansaço  
nem desgaste fio a fio  
na urdidura sutil e silenciosa  
assim meio musical com notas  
precisas e delicadas e bem  
dispostas assim meio teia  
notada em sua arquitetura  
exemplarmente simétrica e  
suficiente assim como no texto  
palavra a palavra construído  
sem excesso apenas justo e  
completo tecendo a estampa  
gasta a trama puída o fio  
rasgado no trabalho de cão que  
é feito lentamente como a não  
ter fim só propósito se  
tanto quebra-cabeças de  
infinitas peças minúsculas que  
se perdem e se vai  
juntando montando  
cerzindo imagens horas e horas  
a fio por uma vida inteira  
a refazer e resgatar e recompor  
e religar a lúcida trama  
dos finos fios mnemônicos

## Referências

- ARGAN, G. C. *Projeto e destino*. São Paulo: Ática, 2004.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- CAMPOS, H.; CAMPOS, A.; PIGNATARI, D. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FELINTO, M. *As mulheres do Tijucopapo*. São Paulo: Edição da Autora, 2019.
- MAIAKOVSKI, V. *Maiakovski: poemas*. Tradução de Boris Schnaiderman, Haroldo de Campos, Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MALLARMÉ, S. *Mallarmé*. Organização, tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MELO E CASTRO, E. M. *Algorritmos: Infopoemas*. São Paulo: Musa, 1998.
- MELO E CASTRO, E. M. *Enquanto Jactos e Hiatos: poemas*. São Paulo: Com-Arte, 1994.
- MELO E CASTRO, E. M. *Neo-Poemas-Pagãos*. São Paulo: Annablume-Selo Demonio Negro, 2010.
- MELO E CASTRO, E. M. *Quatro Cantos do Caos*. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2009.
- PIGNATARI, D. *Panteros*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 145.
- VIÑAO FRAGO, A. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Portugal, Mangualde: Edições Pedagogo, 2007.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 33, p. 7-48, jun. 2001.

Recebido em: 12 de dezembro de 2019.

Aprovado em: 23 de janeiro de 2020.